

Revisão ENEM

1. O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

BARROS, M. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Manoel de Barros desenvolve uma poética singular, marcada por “narrativas alegóricas”, que transparecem nas imagens construídas ao longo do texto. No poema, essa característica aparece representada pelo uso do recurso de

- a) resgate de uma imagem da infância, com a cobra de vidro.
- b) apropriação do universo poético pelo olhar objetivo.
- c) transfiguração do rio em um vidro mole e cobra de vidro.
- d) rejeição da imagem de vidro e de cobra no imaginário poético.
- e) recorte de elementos como a casa e o rio no subconsciente.

2. Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, F. Mensagens. São Paulo: Difel, 1986.

Nos versos 1 e 2, a hipérbole e a metonímia foram utilizadas para subverter a realidade. Qual o objetivo dessa subversão para a constituição temática do poema?

- a) Potencializar a importância dos feitos lusitanos durante as grandes navegações.
- b) Criar um fato ficcional ao comparar o choro das mães ao choro da natureza.
- c) Reconhecer as dificuldades técnicas vividas pelos navegadores portugueses.
- d) Atribuir as derrotas portuguesas nas batalhas às fortes correntes marítimas.
- e) Relacionar os sons do mar ao lamento dos derrotados nas batalhas do Atlântico.

3. Meu povo, meu poema

Meu povo e meu poema crescem juntos
Como cresce no fruto
A árvore nova
No povo meu poema vai nascendo
Como no canavial
Nasce verde o açúcar
No povo meu poema está maduro
Como o sol
Na garganta do futuro
Meu povo em meu poema
Se reflete
Como espiga se funde em terra fértil
Ao povo seu poema aqui devolvo
Menos como quem canta
Do que planta

FERREIRA GULLAR. Toda poesia. José Olympio: Rio de Janeiro, 2000.

O texto *Meu povo, meu poema*, de Ferreira Gullar, foi escrito na década de 1970. Nele, o diálogo com o contexto sociopolítico em que se insere expressa uma voz poética que

- a) precisa do povo para produzir seu texto, mas se esquia de enfrentar as desigualdades sociais.
- b) dilui a importância das contingências políticas e sociais na construção de seu universo poético.
- c) associa o engajamento político à grandeza do fazer poético, fator de superação da alienação do povo.
- d) afirma que a poesia depende do povo, mas esse nem sempre vê a importância daquela nas lutas de classe.
- e) reconhece, na identidade entre o povo e a poesia, uma etapa de seu fortalecimento humano e social.

4. TEXTO I

A canção do africano
Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...
De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia-voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,

Talvez p'ra não o escutar!
"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem."

ALVES, C. Poesias completas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995 (fragmento).

TEXTO II

No caso da Literatura Brasileira, se é verdade que prevalecem as reformas radicais, elas têm acontecido mais no âmbito de movimentos literários do que de gerações literárias. A poesia de Castro Alves em relação à de Gonçalves Dias não é a de negação radical, mas de superação, dentro do mesmo espírito romântico.

MELO NETO, J. C. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003 (fragmento)

O fragmento do poema de Castro Alves exemplifica a afirmação de João Cabral de Melo Neto porque

- a) exalta o nacionalismo, embora lhe imprima um fundo ideológico retórico.
- b) canta a paisagem local, no entanto, defende ideais do liberalismo.
- c) mantém o canto saudosista da terra pátria, mas renova o tema amoroso.
- d) explora a subjetividade do eu lírico, ainda que tematize a injustiça social.
- e) inova na abordagem de aspecto social, mas mantém a visão lírica da terra pátria.

5. — É o diabo!... praguejava entre dentes o brutalhão, enquanto atravessava o corredor ao lado do Conselheiro, enfiando às pressas o seu inseparável sobretudo de casimira alvadia. — É o diabo! Esta menina já devia ter casado!

— Disso sei eu... balbuciou o outro. — E não é por falta de esforços de minha parte; creia!

— Diabo! Faz lástima que um organismo tão rico e tão bom para procriar, se sacrifique desse modo! Enfim — ainda não é tarde; mas, se ela não se casar quanto antes — hum... hum!... Não respondo pelo resto!

— Então o Doutor acha que...?

Lobão inflamou-se: Oh! o Conselheiro não podia imaginar o que eram aqueles temperamentozinhos impressionáveis!... eram terríveis, eram violentos, quando alguém tentava contrariá-los! Não pediam — exigiam — reclamavam!

AZEVEDO, A. O homem. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (fragmento).

O romance *O homem*, de Aluísio Azevedo, insere-se no contexto do Naturalismo, marcado pela visão do cientificismo. No fragmento, essa concepção aplicada à mulher define-se por uma

- a) convivência com relação à rejeição feminina de assumir um casamento arranjado pelo pai.
- b) caracterização da personagem feminina como um estereótipo da mulher sensual e misteriosa.
- c) convicção de que a mulher é um organismo frágil e condicionado por seu ciclo reprodutivo.
- d) submissão da personagem feminina a um processo que a infantiliza e limita intelectualmente.
- e) incapacidade de resistir às pressões socialmente impostas, representadas pelo pai e pelo médico.

6. Brazil, capital Buenos Aires

No dia em que a bossa nova inventou o Brazil
Teve que fazer direito, senhores pares,
Porque a nossa capital era Buenos Aires,
A nossa capital era Buenos Aires.
E na cultura-Hollywood o cinema dizia
Que em Buenos Aires havia uma praia
Chamada Rio de Janeiro
Que como era gelada só podia ter
Carnaval no mês de fevereiro.
Naquele Rio de Janeiro o tango nasceu
E Manguera o imortalizou na avenida
Originária das tangas
Com que as índias fingiam
Cobrir a graça sagrada da vida.

Tom Zé. Disponível em <http://letras.terra.com.br>. Acesso em: abr. 2010.

O texto de Tom Zé, crítico de música, letrista e cantor, insere-se em um contexto histórico e cultural que, dentro da cultura literária brasileira, define-se como

- a) contemporâneo à poesia concretista e por ela influenciado.
- b) sucessor do Romantismo e de seus ideais nacionalistas.
- c) expressão do modernismo brasileiro influenciado pelas vanguardas europeias.
- d) representante da literatura engajada, de resistência ao Estado Novo.
- e) precursor do movimento de afirmação nacionalista, o Tropicalismo.

7.



LÉGER, F. *Soldados jogando cartas*. 1917.

As vanguardas europeias não devem ser vistas isoladamente, uma vez que elas apresentam alguns conceitos estéticos e visuais que se aproximam. Com base nos conceitos vanguardistas, entre eles o de exploração de formas geometrizadas do Cubismo, no início do século XX, o quadro *Soldados jogando cartas* explora uma

- a) abordagem sentimentalista do homem.

- b) imagem plana para expressar a industrialização.
- c) aproximação impossível entre máquina e homem.
- d) uniformidade de tons como crítica à industrialização.
- e) mecanização do homem expressa por formas tubulares.

8. Mudança

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio. As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.

RAMOS, G. Vidas secas. Rio de Janeiro: Record, 2008 (fragmento).

Valendo-se de uma narrativa que mantém o distanciamento na abordagem da realidade social em questão, o texto expõe a condição de extrema carência dos personagens acuados pela miséria. O recurso utilizado na construção dessa passagem, o qual comprova a postura distanciada do narrador, é a

- a) caracterização pitoresca da paisagem natural.
- b) descrição equilibrada entre os referentes físicos e psicológicos dos personagens.
- c) narração marcada pela sobriedade lexical e sequência temporal linear.
- d) caricatura dos personagens, compatível com o aspecto degradado que apresentam.
- e) metaforização do espaço sertanejo, alinhada com o projeto de crítica social.

9. O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naípe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

ASSIS, M. In: SANTOS, J.F. As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 (fragmento).

Um dos traços fundamentais da vasta obra literária de Machado de Assis reside na preocupação com a expressão e com a técnica de composição. Em *O nascimento da crônica*, Machado permite ao leitor entrever um escritor ciente das características da crônica, como

- a) texto breve, diálogo com o leitor e registro pessoal de fatos do cotidiano.
- b) síntese de um assunto, linguagem denotativa, exposição sucinta.
- c) linguagem literária, narrativa curta e conflitos internos.
- d) texto ficcional curto, linguagem subjetiva e criação de tensões.
- e) priorização da informação, linguagem impessoal e resumo de um fato.

10. TEXTO 1

José de Anchieta fazia parte da Companhia de Jesus, veio ao Brasil aos 19 anos para catequizar a população das primeiras cidades brasileiras e, como instrumento de trabalho, escreveu manuais, poemas e peças teatrais.

TEXTO 2

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedades e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo.

ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. Rio de Janeiro: S.J., 1933, 430-31 p.

A leitura dos textos revela a preocupação de Anchieta com a exaltação da religiosidade. No texto 2, o autor exalta, ainda, a beleza natural do Brasil por meio

- a) do emprego de primeira pessoa para narrar a história de pássaros e bosques brasileiros, comparando-os aos de Portugal.
- b) da adoção de procedimentos típicos do discurso argumentativo para defender a beleza dos pássaros e bosques de Portugal.
- c) da descrição de elementos que valorizam o aspecto natural dos bosques brasileiros, a diversidade e a beleza dos pássaros do Brasil.
- d) do uso de indicações cênicas do gênero dramático para colocar em evidência a frescura dos bosques brasileiros e a beleza dos rouxinóis.
- e) do uso tanto de características da narração quanto do discurso argumentativo para convencer o leitor da superioridade de Portugal em relação ao Brasil.

11. Lisongeia outra vez impaciente a retenção de sua mesma desgraça...

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a Aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria

Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o Zenith da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia o caso de beldade.

CUNHA, H. P. Convivência maneirista e barroca na obra de Gregório de Matos.
In: Origens da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1979.p. 90.

O Barroco é um movimento complexo, considerado como a arte dos contrastes. O poema de Gregório de Matos, que revela características do Barroco brasileiro, é uma espécie de livre-tradução de um poema de Luís de Góngora, importante poeta espanhol do século XVII. Fruto de sua época, o poema de Gregório de Matos destaca

- a) a regular alternância temática entre versos pares e ímpares.
- b) o contraste entre a beleza física da mulher e a religiosidade do poeta.
- c) o pesar pela transitoriedade da juventude e a certeza da morte ou da velhice.
- d) o uso de antíteses para distinguir o que é terreno e o que é espiritual na mulher.
- e) a concepção de amor que se transforma em tormento da alma e do corpo do eu lírico.

12. A tentação é comer direto da fonte. A tentação é comer direto na lei. E o castigo é não querer mais parar de comer, e comer-se a si próprio que sou matéria igualmente comível.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

O romance *A Paixão Segundo G. H.* é a tentativa de dar forma ao inenarrável, esbarrando a todo momento no limite intransponível das palavras. Tal paradoxo, vale dizer, é o que funda toda literatura clariciana.

ROSENBAUM, Y. No território das pulsões. In: Clarice Lispector.
Cadernos de Literatura Brasileira. Instituto Moreira Salles.
Edição Especial, cadernos 17 e 18, dez. 2004, p. 266.

A repetição de palavras é um dos traços constantes na obra de Clarice Lispector e remete à impossibilidade de descrever a experiência vivida. A repetição de “comer”, no trecho citado, sugere

- a) união de significados contrários realizados para reforçar o sentido da palavra.
- b) realce de significado obtido pela gradação de diferentes expressões articuladas em sequência.
- c) ausência de significação em consequência do acréscimo de novas expressões relacionadas em cadeia.
- d) equívoco no emprego do verbo em consequência do acúmulo de significados relacionados em sequência.

-
- e) uniformidade de sentido expressa pela impossibilidade de transformação do significado denotativo do verbo.

13. A poesia que floresceu nos anos 70 do século XX é inquieta, anárquica, contestadora. A “poesia marginal”, como ficou conhecida, não se filia a nenhuma estética literária em particular, embora seja possível ver nela traços de algumas vanguardas que a precederam, como no poema a seguir.

S.O.S

Chacal

(...) nós que não somos médicos psiquiatras
nem ao menos bons cristãos
nos dedicamos a salvar pessoas
que como nós
sofrem de um mal misterioso: o sufoco

CAMPEDELLI, Samira Y. Poesia Marginal dos Anos 70. São Paulo: Scipione, 1995 (adaptado).

Da leitura do poema e do texto crítico acima, infere-se que a poesia dos anos 70

- a) recuperou traços da produção de vanguarda modernista.
- b) eliminou o diálogo com as artes visuais e as artes plásticas.
- c) utilizou com frequência versos metrificados e temas românticos.
- d) valorizou a linguagem poética das formas consagradas.
- e) atribuiu ao espaço poético um lugar de fuga e escapismo.